



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**  
**LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**CARLOS ALBERTO LIMA DA CRUZ**

**MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO : CINCO TACADAS DE**  
**MALANDRAGEM**

**JOÃO PESSOA**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

**CARLOS ALBERTO LIMA DA CRUZ**

**MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO: CINCO TACADAS DE**  
**MALANDRAGEM**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras da Universidade Federal da Paraíba, como  
requisito para a obtenção do grau de licenciado,  
habilitação em Língua Portuguesa.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beliza Áurea de Arruda Mello, orientadora.  
*(in memoriam)*

Prof. Dr. Rinaldo Nunes Fernandes, orientador.

**JOÃO PESSOA (PB), JUNHO DE 2018**

Publicação na Fonte.  
Universidade Federal da Paraíba.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Cruz, Carlos Alberto Lima da.

Malagueta, Perus e Bacanaço: cinco tacadas de malandragem / Carlos Alberto Lima da Cruz. - João Pessoa, 2018.

49 f.:il.

Monografia (Graduação em Letras / língua portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadores: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beliza Áurea de Arruda Mello. (*in memoriam*)  
Prof. Dr. Rinaldo Nunes Fernandes.

1. Malandragem. 2. Código de ética. 3. Otário. I. Antonio, João. II. Título.

BSE-CCHLA

CDU 82-34

CARLOS ALBERTO LIMA DA CRUZ

**MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO: CINCO TACADAS  
DE MALANDRAGEM**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em letras, habilitação em Língua Portuguesa.

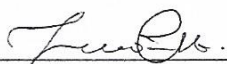
Data da aprovação: 08.06.2018

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Rinaldo Nunes Fernandes

Orientador



Prof.ª Dr.ª Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Examinadora



Prof. Dr. Expedito Ferraz Junior

Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a **DEUS** por, a essa altura do joguinho, ainda me conceder algumas tacadas certeiras;

Ao filho **Cleo**, “florão da América”;

Ao amigo **Édson Júnior**, desde sempre há muito tempo;

Ao amigo **João Paulo**, do Serviço de Atendimento ao Estudante Idoso;

E a todos **os conluídos** que torcem por mim.

Dedico este trabalho à professora

**Beliza Áurea de Arruda Mello.**

Eterna (des)orientadora.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, de João Antônio, sob a perspectiva das múltiplas facetas da “Malandragem”. O conto narra a peregrinação de três malandros, exímios jogadores de sinuca, por vários bairros da capital paulista, numa noite/madrugada de sábado. Conquanto o logro por meio do jogo constitua o *leitmotiv* da narrativa, a análise objeto deste trabalho pretende deslindar, também, outros aspectos que igualmente configuram a “Malandragem” dentro do senso comum, tais como, a “lábria”, a cafetinagem e o Código de Ética. Como será demonstrado, é exatamente a irrestrita obediência a esse Código de Ética por parte do garoto Perus, que conduz a narrativa simultaneamente ao seu ápice e ao seu desfecho. Visando conferir profundidade cronológica ao estudo, um relato acerca da origem da “Malandragem”, contemplando especialmente a sua estreita ligação com o samba, para o qual recorreremos principalmente à pesquisa de cunho historiográfico empreendida por Dealtry (2009), e às formulações de Schwarcz (1995) e Cândido (1970), bem como a abordagem ilustrativa de alguns personagens *malandros* que protagonizam importantes obras literárias, compõem o lastro introdutório à análise do conto de João Antônio.

PALAVRAS-CHAVE: Malandragem. Joguinho. Otário. Código de Ética. João Antônio.

## **ABSTRACT**

The present work analyzes the tale "Malagueta, Perus e Bacanaço", written by João Antonio, from the perspective of the multiple facets of "Malandragem". The tale recounts the pilgrimage of three vagabonds, snooker experts, through various neighborhoods of São Paulo city on a Saturday night.

Although the achievement of the other at the pool table constitutes the leitmotiv of the narrative, the object analysis of this work also intends to identify other aspects that belong to the usual concept of "Malandragem", such as the gift of gab, the pimping and its own ethical code. As will be shown, it is precisely the unrestricted obedience to this ethical code by the boy named Perus who conducts the narrative simultaneously at its apex and its outcome. In order to give chronological depth to the study, a report on the origin of the "Malandragem", especially considering its close connection with the samba, based on the historiographical research undertaken by Dealtry (2009) and the conceptions of Schwarcz (1995) and Candido (1970), as well as the illustrative mentioning of some rogue characters that appears on important literary works, compose the introductory ballast of João Antônio's tale.

## SUMÁRIO

1. ENTRE LAPAS E BEIJO.....	9
2. NA SUBIDA DO MORRO ME CONTARAM.....	10
3. E COMO JÁ DIZIA GALILEU NA GALILÉIA, MALANDRO QUE É MALANDRO NÃO BOBÉIA.....	19
3.1 - Ulysses.....	19
3.2 - Lazarillo de Tormes.....	21
3.2.1 – O esmoleiro cego.....	22
3.2.2 – O padre avarento.....	24
3.3 – Macunaíma.....	26
4. TACOS À OBRA.....	30
4.1 – 1ª Tacada : Lapa.....	31
4.2 - 2ª Tacada: Água Branca.....	33
4.3 - 3ª Tacada: Barra Funda.....	35
4.4 – 4ª Tacada: Cidade.....	36
4.5 – 5ª Tacada: Pinheiros ou Três corpos que caem.....	40
5. ABOTOANDO O PALETÓ.....	44
6. O GIZ AZUL DO TACO.....	48

## 1. ENTRE LAPAS E BEIJO

“Malandro é o cavalo-marinho, que se  
finge de peixe para que ninguém o monte”  
D.P.

A pouco expressiva quantidade de estudos realizados sobre a obra de João Antônio, desproporcional, a nosso ver, em relação à estatura do autor, aliada ao fascínio pelas narrativas breves, amplificado pela realização, ainda enquanto estudante de Sociologia, de um curso de longa duração sobre contos, ministrado pelo professor Rinaldo Fernandes – doses cavalares de Tchekhov, Cortázar (o preferido desde sempre), e de Rubem Fonseca, além do primeiro contato com a contística de João Antônio – é o que nos traz a este Malagueta, Perus. Bacanaço.

Aqui chegando, pareceu-nos aconchegante a idéia de lançar mão da “Malandragem” na elaboração desta monografia, requisito para a conclusão do curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

“Ai que preguiça!”

Neste estudo, ao elegermos a “Malandragem” como categoria analítica, além de abordarmos a questão do logro praticado por meio do jogo, *leitmotiv* do conto de João Antônio, pretendemos investigar, também, outros aspectos igualmente associados à figura do malandro no imaginário popular, como a astúcia, o ócio, o dom da palavra (lábia), a propensão à cafetinagem, além do singular código de ética que media a relação entre esses personagens (atentem bem pra isso!), relacionando-os à forma como o autor deles se apropria para a composição dos três protagonistas do conto.

Com esse objetivo, inicialmente abordaremos historiograficamente as condições que ensejam um contexto favorável ao surgimento do malandro, particularmente no Rio de Janeiro, então capital da República. Nesse sentido, enfocaremos a relação entre a “Malandragem” e a música, em particular com o samba, cuja relevância para este estudo, a nosso ver, reside na ambivalência que dela se depreende; o samba, num primeiro momento, tipifica, marginaliza e, conseqüentemente, expõe o malandro não só ao alijamento social, como também às garras da severa repressão policial, para posteriormente conferir-lhe a almejada legitimidade dentro das esferas da sociedade.

Como aporte teórico para essa abordagem de cunho historiográfico, transitaremos pelos apontamentos e formulações de Giovanna Dealtry, Lilia Schwarcz, Antonio Candido, Rodrigo Cavalcante e Leandro Cristino.

No âmbito da literatura, em torno do qual concentraremos a essência de nossas investigações e formulações teóricas, procuraremos identificar cronologicamente alguns personagens que “vestem o terno branco” do malandro, ou seja, que incorporam os já mencionados aspectos da “Malandragem” que nortearão este trabalho no plano contudístico. Nesse sentido, revisitaremos narrativas homéricas, andradianas, vergilianas, além das a(des)venturas de Lazarillo de Tormes, com o intuito de descrevermos ilustrativamente os rompantes de malandragem que reputamos mais emblemáticos nos personagens que as protagonizam.

Por fim, procederemos a um minucioso exame do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, à luz das principais características do multifacetado perfil da figura do malandro.

Para tanto, *pegaremos carona* na própria estrutura formal do conto, em que cada um dos bairros percorridos pela trinca de protagonistas, em frenética peregrinação, surge como um capítulo autônomo dentro da narrativa.

## **2. NA SUBIDA DO MORRO ME CONTARAM:**

O conhecido “jeitinho” brasileiro, “a concepção freyriana de que no Brasil tudo tende a amolecer e se adaptar”, (1995, p. 17), como afirma Lilia Schwarcz, consubstancia vários aspectos inerentes à formação da identidade do nosso povo.

O controverso conceito de “Homem Cordial”, por exemplo, a que o historiador Sérgio Buarque de Holanda dedica um capítulo no livro “*Raízes do Brasil*” é um desses aspectos. Grosso modo, o “Homem Cordial” é a materialização da nossa propensão a privilegiar as relações calcadas na intimidade e na afetividade, em detrimento daquelas que se desenvolvem nas instâncias profissionais e públicas, o que denota uma clara tentativa de sobreposição do indivíduo em relação à coletividade. Daí depreender-se que o “jeitinho” brasileiro se configura como a expressão da “Malandragem” mais difundida por estas plagas, face a sua aceitação como uma prática respaldada por uma questionável normalidade.

Nessa linha de raciocínio, Rodrigo Cavalcante assinala que

De um lado, nos submetemos a um sistema de leis impessoais cuja obediência nos países ricos nos causa inveja e admiração. Internamente, contudo, encaramos essas leis como uma espécie de estraga-prazeres. [...] De outro lado, existiria o sistema da nossa “rede de contatos” em que impera o parentesco, a amizade ou qualquer ligação pessoal que dribla a lei. Trocando em miúdos: a lei é vista – e muitas vezes aplicada – como um castigo e para fugir desse castigo vale a malandragem, o jeitinho. (2005, p.41)

Assim, ao considerarmos um contexto histórico marcado por uma sociedade que cultua o ócio, em que prevalecem as relações pautadas pela afetividade, uma das características do Brasil imperial, não causa estranheza os desdobramentos que dele sobrevêm, e que a seguir nos ocupamos em relatar.

A abolição da escravidão, exigência dos eflúvios modernizadores desencadeados pelo emergente capitalismo industrial, faz surgir nos centros urbanos um enorme contingente de ex-escravos.

Agora “homens livres”, os ex-escravos, sem ocupação e sem moradia fixa, perambulam pelas cidades buscando a sobrevivência de cada dia através de “meios alternativos”. É importante destacar que para esses homens a liberdade implica a negação do trabalho, principalmente se considerarmos as condições sub-humanas e os maus tratos a que eram submetidos quando em cativeiro.

Na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, que vive a sua *belle-époque* desde a chegada da família real, o impacto causado por esse “inchaço” urbano é muito significativo, tanto em nível social como paisagisticamente; é desse período, inclusive, o surgimento das primeiras favelas cariocas.

Dessa forma, não demora muito para que essa grande massa de *destrabalhadores* que, a despeito do fato de serem “homens livres”, não conseguem se tornar cidadãos, comece a ser reprimida. As elites dominantes, com o objetivo de eliminar os vestígios do recente passado escravista, rapidamente se mobilizam nesse sentido, pressionando o poder público.

Com isso, várias medidas de repressão à ociosidade são impostas, com a clara intenção de controlar o ir e vir dos ex-escravos, e, principalmente, de tentar inseri-los nas novas relações de trabalho que se produzem graças ao capitalismo industrial.

Por outro lado, de maneira subjacente à substituição do modo de produção agro-exportador pelo capitalismo industrial, é perceptível a tentativa de implementação de uma política de branqueamento da população, fato que a opção pela importação de mão-de-obra européia irá confirmar.

É importante frisar que nesse período existem duas espécies muito distintas de ócio: o ócio “do mal”, personificado pelos ex-escravos, pelos músicos, pelos menos favorecidos de uma maneira geral, passível de repressão pelos órgãos encarregados da manutenção da ordem pública, e o ócio “do bem”, amplamente difundido entre as classes mais abastadas (para quem, aliás, o trabalho é uma atividade indigna), e que se configura como um sonho de consumo dentro dos segmentos sociais emergentes em nível de ascensão social. As “*Memórias de um Sargento de Milícias*”, de Manuel Antônio de Almeida, e o conto “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis, são obras emblemáticas da abordagem dessa modalidade de ócio como uma virtude exclusiva daqueles que ocupam posição privilegiada na hierarquia social.

No início do século XX, um fato incorpora características definitivas à cena urbana carioca: a associação entre o samba e a malandragem, a partir da qual, inclusive, é formatado o arquétipo do malandro no imaginário popular – terno branco, calça tipo bombacha, chapéu panamá, sapato bicolor.

Todavia, a quase sinonímia que se estabelece entre malandro e sambista é algo contingencial, como afirma Giovanna Dealtry (2009), decorrente da ação dos aparelhos de repressão e controle da ordem, que à época, consideram os músicos como cultivadores do ócio. Como consequência, os músicos têm os seus instrumentos de “trabalho”, principalmente violões e pandeiros apreendidos, porquanto associados à vadiagem. “Fazer música e ser malandro significam alternativas ao trabalho, saídas que conferem, ao mesmo tempo, dignidade pessoal e sustento” (DEALTRY, p. 72).

Nesse contexto, marcado pela perseguição ao samba e àqueles que nele buscam algum tipo de projeção social, imperioso se faz dedicarmos algumas linhas à figura de Tia Ciata.

A mais célebre das chamadas tias baianas, mães-de-santo que chegam ao Rio de Janeiro em decorrência de uma espécie de diáspora motivada por perseguições de ordem religiosa, Tia Ciata é figura icônica do nascimento do samba e do próprio carnaval carioca. É no seu casarão da Praça 11, região que era chamada de Pequena África, que é

composto o primeiro samba autoral: “Pelo telefone”, de Donga e Mauro de Almeida, fazendo com que a “palavra malandra” se inscreva definitivamente na música, vocalizando o universo dos socialmente desfavorecidos por meio de seus próprios representantes, sem a intermediação da intelectualidade via literatura.

Há relatos de que nas famosas festas de Tia Ciata, contempladas, inclusive, por Mário de Andrade em um dos capítulos de “*Macunaíma*”, malandramente, para driblar a repressão policial, nos cômodos da frente do casarão tocava-se e dançava-se os ritmos “permitidos”, como a polca européia, o *charleston* e os *lundus*, enquanto nos fundos o batuque e o partido-alto davam o tom à sensualidade da capoeiragem.

É interessante notar que, como assinala Dealtry (2009), nesse período é nítida a existência de uma cisão entre os músicos negros. A principal causa é, sem dúvida, o fato de dois grupos distintos reivindicarem a paternidade do samba.

O primeiro deles, mais “baiano”, ligado à cidade, aos saraus de Tia Ciata, representados principalmente por Donga e por João da Bahiana, que procura enfaticamente dissociar a figura do sambista da malandragem, e o outro, mais ligado ao morro, mais carioca por conseguinte, que tem no controvertido Sinhô o seu principal expoente.

Astuto e muitas vezes inescrupuloso, Sinhô se constitui num dos precursores do plágio e do roubo de músicas, o que o coloca no centro de inúmeras polêmicas geradas na época. “Sinhô criou para si uma personalidade única, que não se define apenas por ser negro ou sambista. É um negociador em tempo integral, que não evita nem mesmo as polêmicas com outros sambistas se estas lhe trouxerem algum rendimento pessoal”. (DEALTRY, p.74)

Vale salientar que essas polêmicas suscitadas pelo imbricamento entre malandro e sambista, das quais a mais célebre e produtiva envolve Noel Rosa e Wilson Batista, em muito colaboram para o enriquecimento do cancionário popular brasileiro. Canções como “Lenço no pescoço”, uma exaltação à malandragem composta por Wilson Batista, replicada por Noel Rosa em “Rapaz folgado”, são clássicos exemplos de um profícuo bate-boca musical.

Neste ponto, interessante nos parece procurar analisar mais detidamente, de que maneira é pavimentada a transição para a afirmação social do malandro-sambista,

entidade que, ferozmente perseguida pela polícia num primeiro momento, acaba guindada à categoria de patrimônio da cultura nacional.

Como é sabido, o “jeito de corpo” e a astúcia, esta quase sempre materializada no dom da palavra, isto é, na lábia, constituem as principais ferramentas através das quais o malandro transita nas esferas sociais, públicas e privadas, extraindo a sobrevivência “normalmente” a partir do recurso ao ilícito. O chamado “conto do vigário” é um clássico exemplo do logro ao outro por meio da palavra, sustentado pelo fato da vítima contumaz, o otário, sempre querer ganhar ou levar vantagem facilmente.

A partir da crescente popularização do samba, que deixa os morros e os guetos da cidade nova para conquistar a cidade, o malandro-sambista passa a angariar a simpatia de outros segmentos sociais, fato que é determinante no processo de sua legitimação em sociedade. Uma sociedade que

Incorpora de fato o pluralismo racial e depois religioso à sua natureza mais íntima. [...] não querendo constituir um grupo homogêneo, e, em consequência, não precisando defendê-lo asperamente, a sociedade brasileira se abriu com maior largueza à penetração dos grupos dominados ou estranhos e ganhou em flexibilidade o que perdeu em inteireza e coerência. (CANDIDO, 1970, p.21)

Essa popularização do samba surge como consequência de uma série de fatores, dos quais um dos mais significativos é, como diz Dealtry (2009), o fato de que os autores começam a fazer o registro autoral de suas composições, o que os habilita a atuarem no ainda incipiente mercado fonográfico, como também possibilita a sua incorporação pelos recém-criados sistemas de radiodifusão. Além disso, importantes parcerias são firmadas com importantes nomes da época como Mário Reis e Francisco Alves, por exemplo.

É importante frisar que tanto nos batuques, como nos terreiros e nas rodas de partido-alto, os sambas são compostos coletivamente, um singular tipo de *jam-session* clandestina, o que mantém os seus criadores em total anonimato. O esperto e já mencionado compositor Sinhô registra em seu nome várias dessas criações coletivas, o que causa profundo descontentamento dentro da comunidade sambista como um todo.

Um exemplo emblemático da cooptação, via apadrinhamento, do malandro-sambista por representantes da classe política é a relação entre João da Bahiana e o senador Pinheiro Machado, a qual alude Dealtry (2009) : impedido de

comparecer a uma festa patrocinada pelo político, em virtude da apreensão de seu pandeiro por parte da polícia, João da Bahiana é “indenizado” pelo parlamentar ao receber deste um pandeiro novo e personalizado.

Em suma, ciente de que o trabalho assalariado, um dos pilares da nova ordem econômica vigente, em nada melhora a vida do trabalhador, e, tampouco promove a sua ascensão social, o malandro-sambista se movimenta entre as festas (populares e as patrocinadas pelas elites) e as frestas que astuciosamente conseguem vislumbrar nos diversos segmentos sociais, proporcionadas pelas relações promíscuas assentadas sobre o lícito e o ilícito, o real e o engodo, que neles se constroem. Essa movimentação lhe assegura o acesso a uma zona de relativo conforto, a salvo da repressão das autoridades policiais, fortalecendo cada vez mais o seu caráter identitário próprio dentro da sociedade. Nesse sentido, Lilia Schwarcz no ensaio “Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra”, assinala que “Nesse mundo, em que a hierarquia estaria só na aparência, em que tudo seria ao mesmo tempo sério e burla, lícito e ilícito, verdadeiro e falso, o malandro reinaria de forma absoluta” (1995, p.22).

Parodiando a proposta *glauberiana* relativa ao cinema novo brasileiro, podemos assim definir o *modus-operandi* do malandro: Um pandeiro na mão, uma navalha no bolso, e mil tramóias na cabeça.

Num capítulo intitulado “Na subida do morro me contaram”, constituiria quase uma heresia omitirmos o nome de Moreira da Silva, o Kid-Morengueira

Moreira da Silva tem uma trajetória profissional muito rica e extensa, iniciada no final dos anos 30, já com o mercado fonográfico consolidado e o rádio ocupando o lugar de principal veículo de comunicação.

Talvez tenha sido o malandro mais trabalhador de que se tem notícia, já que pouco antes de morrer, em 1999 aos 98 anos, ainda realiza apresentações ao vivo.

Moreira da Silva é considerado um cronista do Rio de Janeiro de sua época, tendo em vista que seus sambas contemplam temas como a falta d’água, enchentes (naquela época já muito comuns), jogo do bicho (“Etelvina, acertei no milhar!”) e, claro, a repressão policial na ditadura Vargas, esta deliciosamente abordada no conhecido samba “Olha o Padilha!”, uma referência ao delegado Deraldo Padilha, uma

espécie de major Vidigal (republicano) da época, o terror dos malandros das décadas de 40 e 50 no Rio de Janeiro.

Não obstante esse importante viés relacionado à crônica de época e de costumes, grande parte do vastíssimo repertório do intérprete narra, sempre em primeira pessoa, as façanhas protagonizadas pelos malandros, estes muitas vezes caracterizados como protetores dos fracos e dos inocentes. A parceria com Miguel Gustavo, iniciada na década de 60 com “O rei do gatilho”, canção que marca a criação do personagem Kid Morengueira, é muito representativa da abordagem dessa temática.

A nosso ver, contudo, a Grande Façanha cometida por Kid Morengueira foi a criação do samba-de-breque, um samba sincopado que reserva algumas pausas que possibilitam performances declamatórias da parte do intérprete, lançando, com isso, a semente do “Rap” que temos hoje.

Neto mais “levado” do samba-de-breque, o “Rap” prescinde da estrutura *suingada* do samba, para concentrar suas baterias exclusivamente nas performances declamatórias, o que o caracteriza enquanto gênero musical.

Ao reivindicar para si o emblemático título de “O Último Malandro”, Moreira da Silva sinaliza, claramente como os seus ternos, o fim da malandragem clandestina e, por que não dizer, romântica, fato que posteriormente será ratificado por Chico Buarque na clássica “Ópera do Malandro” no final dos anos 70.

Cantada em dueto por Chico Buarque e Moreira da Silva, a canção “Homenagem ao Malandro” decreta o fim do malandro tradicional, o *lapônico*, por assim dizer, ao mesmo tempo em que aponta o seu substituto: o “Malandro com aparato de Malandro oficial. Que nunca se dá mal”. Como afirma Cristino (2009), “É um outro tipo de malandragem, burocratizada e covarde, acobertada pelas intrincadas esferas políticas”. Atualmente, por sinal, blá, blá, blá, blá...

Vale salientar, que durante a ditadura militar, a “Malandragem” foi amplamente utilizada no meio artístico, com o objetivo de ludibriar os órgãos encarregados da censura. Num exercício que muito exigia da criatividade dos artistas, maquiava-se o que era proibido com o rímel do consentimento. “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”, “Pai, afasta de mim esse cálice de vinho tinto de sangue”, ambas do próprio Chico Buarque, são exemplares desse malandro *make-up* circunstancial.

## **“Homenagem Ao Malandro”**

*Chico Buarque*

Eu fui fazer um samba em homenagem  
À nata da malandragem  
Que conheço de outros carnavais  
Eu fui à Lapa e perdi a viagem  
Que aquela tal malandragem  
Não existe mais

Agora já não é normal  
O que dá de malandro regular, profissional  
Malandro com aparato de malandro oficial  
Malandro candidato a malandro federal  
Malandro com retrato na coluna social  
Malandro com contrato, com gravata e capital  
Que nunca se dá mal

Mas o malandro pra valer  
- Não espalha  
Aposentou a navalha  
Tem mulher e filho e tralha e tal  
Dizem as más línguas que ele até trabalha  
Mora lá longe e chacoalha  
Num trem da Central

Agora já não é normal  
O que dá de malandro regular, profissional  
Malandro com aparato de malandro oficial  
Malandro candidato a malandro federal  
Malandro com retrato na coluna social  
Malandro com contrato, com gravata e capital

Que nunca se dá mal

Mas o malandro pra valer

- Não espalha

Aposentou a navalha

Tem mulher e filho e tralha e tal

Dizem as más línguas que ele até trabalha

Mora lá longe e chacoalha

Num trem da Central

### **“Olha o Padilha”**

*Moreira da Silva*

Pra se topar uma encrenca basta andar distraído

que ela um dia aparece

Não adianta fazer prece

Eu vinha anteontem lá da gafeira

com a minha nega Cecília

quando gritaram: "Olha o Padilha!"

Antes que eu me desguiasse

um tira forte aborrecido me abotoou

e disse: "Tu és o Nonô, hein?".

"Mas eu me chamo Francisco,

Trabalho como mouro sou estivador.

Posso provar ao senhor"

Nisso um moço de óculos ray-ban

me deu um pescoção

Bati com a cara no chão

E foi dizendo "eu só queria saber quem disse que és trabalhador,

tu és salafra e acharcador.

Essa macaca a teu lado é uma mina mais forte que o Banco do Brasil,

eu manjo ao longe esse tiziu."

E jogou uma melancia, pela minha calça adentro, que engasgou no funil"

Eu bambeeí, ele sorriu

Apanhou uma tesoura e o resultado dessa operação é que a calça virou calção

Na chefatura um barbeiro sorridente estava a minha espera

ele ordenou: "Raspe o cabelo desta fera!"

Não está direito, seu Padilha

Me deixar com o coco raspado

Eu já apanhei um resfriado, isso não é brincadeira

Pois o meu apelido era Chico cabeleira

Não volto mais a gafeira ele quer ver minha caveira

Eu, hein? Se eu não me desguio a tempo ele me raspa até as axilas. O homi é de morte

### **3. E COMO JÁ DIZIA GALILEU NA GALILÉIA, MALANDRO QUE É MALANDRO NÃO BOBÉIA**

Para este capítulo, reservamos a abordagem de alguns personagens da literatura que, em maior ou menor grau, “exercem” a Malandragem, exercício esse cujo impacto nas narrativas por eles protagonizadas procuraremos explicitar.

#### **3.1 – ULYSSES**

Ainda nas narrativas homéricas, encontramos o herói Ulysses, que não à Tróia, recebe o epíteto de “O de muitos ardis”.

A participação de Ulysses na guerra provocada pelo rapto de Helena, é atribuída a um desígnio dos deuses, com o intuito de fazer com que ele incorpore as virtudes e os valores necessários que o elevem à condição de Herói. Nessa empresa, a participação de sua protetora, a deusa Atena, é de fundamental importância. Embora seja um rei, Ulysses é um homem comum, falível, que não reúne os atributos necessários que configuram a imagem do Herói, razão pela qual a deusa Atena é acionada para despertar nele as qualidades indispensáveis para que possa se tornar um exemplo para o seu povo.

É importante salientar que Ulysses chegou a fingir-se de louco, semeando sal em seus campos, para enganar Menelau, e assim não participar da guerra.

Conquanto a literatura consultada nada relate neste sentido, parece legítimo afirmar que até mesmo a própria astúcia, certamente a mais popular característica de Ulysses, tenha sido outorgada a ele a partir da intervenção da deusa Atena, na medida em que inexistente qualquer relato que remeta à astúcia de Ulysses, num período anterior à guerra de Tróia.

Há consenso em torno de que o episódio do cavalo de Tróia seja a façanha mais espetacular de Ulysses. Na execução desse logro aos troianos, embora não haja a persuasão oral característica (a lábia), identificamos uma correspondência com o chamado “conto do vigário”, expediente em que a vítima (o otário), é lograda supondo que está se dando bem na situação. É o que ocorre com os troianos, que imaginam tratar-se o cavalo de um presente simbolizando o abandono do campo de batalha por parte dos gregos, engano esse que lhes causa a derrota na guerra. Somente.

Curiosamente, o episódio do Cavalo de Tróia é relatado por Enéias, no segundo livro da “*Eneida*”, de Vergílio, e não na “*Odisséia*”:

Fendemos os muros e abrimos as muralhas da cidade. Todos se preparam para o trabalho e colocam rodas sob os pés do cavalo e no pescoço lhe ajustam sólidas cordas. A máquina fatal transpôs nossos muros, levando no ‘seu seio a guerra; crianças e jovens donzelas a escoltam, cantando hinos e divertindo-se a tocar com as mãos o grosso cabo. Ela entra e desliza,ameçadora, até ao meio da cidade. [...] Quatro vezes ela se deteve no limiar da porta, quatro vezes no seu flanco retumbou o fragor das armas. Entretanto nós prosseguíamos, sem nada ver, presa de furor cego, e colocamos o monstro nefasto na cidadela consagrada. [...] E nós, miseráveis, naquele dia que deveria ser o último para nós, cobrimos com festões festivos, por toda a cidade, os templos dos deuses. [...] Sínon, que os destinos iníquos haviam salvado, livra furtivamente os dânaos presos no ventre do cavalo em abrindo a prisão de madeira. [...] Invadem a cidade sepultada no sono e no vinho. (VERGÍLIO,p.36)

Ulysses dá provas de sua versatilidade na arte de lograr, ao se valer da lábia, a qual não recorreu no episódio do cavalo na guerra de Tróia, para enganar o ciclope Polifemo, com quem se defronta durante a sua conturbada viagem de retorno a Ítaca.

“Ciclope, toma, bebe este vinho em cima da carne humana que comeste, para que saibas quão excelente era a bebida guardada em nossa nau. [...] Três vezes lho servi, e três vezes o imprudente sorveu de um trago [...] Depressa o vinho subiu à cabeça do Ciclope. Então lhe dirigi estas melíficas palavras: “Ciclope, perguntas-me qual é o meu nome famoso. [...] Meu nome é Ninguém. Minha mãe, meu pai, todos os meus companheiros me chamam Ninguém”[...] revirou-se e caiu de costas, ficando estendido [...] e o sono, domador irresistível o venceu. (p.123)

Com uma estaca de ferro incandescente, Ulysses cega Polifemo enquanto este dorme. O ciclope grita terrivelmente para chamar os outros ciclopes que habitam as cavernas vizinhas, com o intuito de evitar a fuga do herói. Estes, ao chegarem, perguntam a Polifemo:

“Tentam matar-te por astúcia ou por violência?. Do fundo do antro, o forte Polifemo lhes respondeu: “Amigos. Ninguém me está matando por astúcia; por violência, não”. Em resposta lhe dirigiram estas palavras aladas: “Se Ninguém te violenta, e se estás só, quer dizer que o grande Zeus te envia uma doença inevitável. Invoca, pois, nosso pai, o poderoso Posídon!”. Ditas estas palavras, foram-se embora”. (p.123)

### 3.2 – LAZARILLO DE TORMES

Obra sem autoria definida, “*Lazarillo de Tormes*” é o primeiro romance picaresco de que se tem notícia.

Abandonado pela mãe ainda na infância, o garoto Lázaro é obrigado a ganhar a vida por conta própria, trabalhando para tipos muito diferentes entre si, como um cego esmoleiro, um falso médico, um padre avarento e um escudeiro presunçoso, mas que, no entanto, têm na pobreza extrema uma característica comum.

Não obstante o grande prestígio decorrente das conquistas ultramarinas, a Renascença traz a Espanha envolvida numa situação de pobreza generalizada em que sobressai a escassez de alimentos, constatada pelo menino ao longo de suas andanças motivadas pelo exercício da servidão.

Nesse sentido, é possível afirmar que Lazarillo faz jus à etimologia da palavra “malandro”, que, grosso modo, significa “mau andarilho”, consoante, portanto, com o

aspecto da mobilidade, ao qual já mencionamos como uma das características do malandro.

No clássico ensaio “Dialética da Malandragem”, Antonio Candido aponta que

é do fato de ser criado que decorre um princípio importante na estruturação do romance, pois passando de amo a amo o pícaro vai-se movendo, mudando de ambiente, variando a experiência e vendo a sociedade no conjunto [...] criado de mendigo, criado de escudeiro pobre, criado de padre, o pequeno vagabundo percorre a sociedade, cujos tipos vão surgindo e se completando, de maneira a tornar o livro uma sondagem dos grupos sociais e seus costumes. (CANDIDO, 1970, p. 69)

Diferentemente do que veremos a seguir, ao analisarmos o Macunaíma, de Mário de Andrade, a cuja malandragem imputamos um forte teor biológico, em Lazarillo a “Malandragem” é uma exigência decorrente da má sorte que a vida lhe reserva, em particular os maus-tratos a que ele, embora uma criança, é submetido por muitos de seus patrões.

Os infortúnios por que passa, moldam a ainda frágil personalidade de Lázaro, que, embora ainda uma criança, recorre a expedientes ilícitos, à burla e ao próprio roubo, para não morrer de fome .

O choque áspero com a realidade, que leva à mentira, à dissimulação, ao roubo, e constitui a maior desculpa das “picardias”. Na origem, o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa. (CANDIDO, p. 69)

### **3.2.1 – O ESMOLEIRO CEGO**

O primeiro amo de Lazarillo é o esmoleiro cego a quem serve como guia. Face à impossibilidade de criar Lázaro, Antônia, sua mãe, motivada pela extrema pobreza em que vive, aliada ao fato de ter um outro filho menor, fruto de um segundo casamento, pois enviudara do pai de Lazarillo, morto durante a guerra, confia este aos cuidados de um vagabundo cego que aparece na estalagem em que trabalha, julgando que o filho pudesse ser um bom guia, pela esperteza que já demonstra. Homem violento e extremamente avarento, o cego agride cruelmente a Lázaro todas as vezes em que o

menino não age da forma por ele esperada. Certa vez, ao punir Lazarillo simplesmente pelo fato de ter conseguido enganá-lo, o cego aplica-lhe violenta bofetada:

Isto é pra você aprender, seu idiota, que um guia de cego não pode se deixar enganar por ninguém e deve saber mais do que o diabo. A custo, Lázaro conteve as lágrimas e jurou não esquecer a lição. Sentindo-se liberto de toda a ingenuidade em que vivera até então, pensou “Preciso andar sempre de olhos bem abertos, pois sou sozinho no mundo e sozinho terei que me arranjar”. [...] E tanta astúcia e malícia lhe ensinou o cego que, ao cabo de algum tempo, o próprio professor acabou sendo ludibriado pelo atento discípulo. (REBELO [Tradução], p. 17)

Colocando em prática os “conhecimentos” adquiridos, são várias as situações em que Lazarillo logra o cruel amo. O fato deste ser cego é, obviamente, um facilitador para que o menino dê asas aos seus instintos de vingança, tanto pelas agressões sofridas, quanto pela excessiva avareza do patrão que o faz passar fome.

Todas as coisas que as pessoas piedosas davam ao cego eram metidas numa sacola que ele fechava a cadeado, escondendo a chave no bolso. [...] Mas tão logo o cego a cerrava com o cadeado, enfiando novamente a chave no bolso, Lázaro se aproveitava da distração dele para descoser cuidadosamente um lado da sacola e subtrair pão, toucinho e lingüiça, com o que se fartava plenamente, tornando depois a cosê-la devidamente, sem que o cego percebesse. ( p. 20)

O menino também gostava de beber vinho. [...] valendo-se da falta de visão do amo, lançava mão ao jarro toda vez que ele estava ao seu alcance e bebia uns bons goles, enquanto comiam. O cego, porém, acabou desconfiando; não disse nada, mas desde então, por precaução, trazia-o sempre junto de si, segurando-o pela asa até terminar a última gota. Foi então que Lázaro engendrou um plano para beber o vinho.[...] Muniu-se de uma comprida palha de centeio, em forma de canudinho e, enfiando uma das extremidades no jarro e a outra na boca, sorvia-o com tanta facilidade e frequência que muitas vezes deixava o jarro completamente vazio. ( p. 21)

Sentado próximo ao fogo, o cego puxou da sacola um pedaço de lingüiça e entregando-a a Lázaro, juntamente com uma moeda que tirou do bolso, disse: - Ponha a lingüiça para assar e vá comprar um jarro de vinho na taverna aqui ao lado. Hoje quero jantar bem. Lázaro era louco por lingüiça e imediatamente sentiu o coração bater apressado, imaginando que o cego a

comeria inteira.[...] A ocasião faz o ladrão e o diabo a colocou diante dos olhos do menino. Não resistiu à tentação. Junto do fogo havia um nabo do tamanho aproximado da lingüiça e o garoto, morto de fome, sem pesar as conseqüências funestas que poderiam acarretar sua má ação, meteu o nabo no assador e saiu com a lingüiça na mão para ir buscar o vinho. O cego ficou revirando o assador, sem dar conta da troca, enquanto que Lázaro, à caminho da taverna, se deleitava com o petisco. ( p. 28)

Receando que o cego o matasse de fome e de pancada, Lazarillo decide abandoná-lo e foge para outra cidade. Em Moqueda, entretanto, percebe que a sua sina irá continuar.

### **3.2.2 – O PADRE AVARENTO**

Em Moqueda, Lázaro é agora ajudante de missa, recrutado que fora por um padre, sob a promessa de que não lhe faltaria comida, nem um lugar para dormir.

Rapidamente, porém, percebe a desmedida avareza do “cura”, que chega ao cúmulo de evitar comer para não gastar, o que o faz concluir que os seus infortúnios prosseguirão: “Deus meu, será que a minha sina é passar fome onde quer que eu vá?”(p.35)

Praticar a astúcia, recomendada quase sempre de maneira violenta, e desenvolvida junto ao seu primeiro amo, o cego esmoleiro, é agora então a sua única alternativa. Sabe que, para não morrer de fome, terá que criar estratégias para lograr o seu patrão atual. Por razões óbvias, as trapaças agora devem ser mais sofisticadas, já que o padre enxerga muito bem.

A obediência aos ditames religiosos que imperam, provavelmente a virtude mais importante à época, fá-lo declinar da primeira burla que tenciona engendrar.

Um dia, roxo de fome, pensou o menino em surrupiar algumas moedas que na igreja recolhia dos devotos, na hora do ofertório. O diabo o tentava no momento em que as moedas de cobre eram depositadas na bandeja em forma de concha. Bastaria uma só para comprar um pãozinho. Mas não era um grande pecado roubar, e sobretudo roubar na igreja? A virtude acabou por vencer a tentação e Lázaro resistiu. (p.37)

Lazarillo descobre que o patrão avarento guarda os pães dentro de uma velha arca, não se esquecendo de contá-los diariamente, com o propósito de inibir qualquer tentativa da parte de Lázaro de se alimentar desautorizadamente. Um dia , porém,

Sentindo a fraqueza daqueles que têm fome [...] quando se achava rezando a Deus para que o socorresse naquela aflitiva situação, achou que os céus o haviam atendido, enviando-lhe uma idéia: “Esta arca é muito velha e está cheia de buracos. Não seria impossível que os ratos entrassem nela e comessem o pão. Eu posso fazer o papel do rato, mas será conveniente que eu não coma um pão inteiro, pois daria na vista. Será preciso esfarelá-lo e roê-lo, como fazem os ratos. Deste modo, meu amo acreditará que os ratos entraram na arca”. E pôs mãos à obra, esmigalhando alguns pães sobre uma toalha até ficar só casca. Em seguida comeu todas as migalhas, uma por uma, consolando-se um pouco. (p.43)

Da mesma forma como ocorria enquanto trabalhava para o esmoleiro cego, Lázaro é obrigado a recorrer à burla para poder se alimentar, ainda que parcimoniosamente. Para ele, um ato que faz parte da trivialidade na vida de quase todas as pessoas, significa expor-se à crueldade dos amos, na medida em que é impiedosamente surrado quando os seus ardis são descobertos; o padre também o agride muito. Isso o faz refletir, receando abandonar o “cura”: “Já tive dois patrões: se o primeiro era mau, o segundo foi pior. Um me trazia morto de fome e o outro está me levando à sepultura. Se procurar um terceiro, não acabará ele me enterrando?” (p. 38)

Paradoxalmente, a vida de Lazarillo parece ser menos ruim quando está “desempregado”. Ao menos mais amena; vale-se dos ensinamentos do cego e pede esmolas com a habilidade de um profissional.

Com a prática obtida na companhia do cego de Salamanca e mais tarde por conta própria, depois que abandonou o padre de Maqueda, conhecia de sobra todos os truques capazes de comover os mais empedernidos corações. Mas, embora se julgasse um mestre naquela arte, não se podia condená-lo por falsidade, pois era movido pela mais aguda necessidade. Assim, num tom de voz muito baixo, fingindo-se de doente, as mãos cruzadas sobre o peito, curvava a cabeça humildemente e implorava a caridade das pessoas piedosas. (p.69)

Na linha do que afirma Antonio Candido, são as agruras da vida, experimentadas precocemente, que fazem com que Lazarillo trilhe os caminhos da “Malandragem”. Contudo, a despeito de todas as burlas e logros cometidos, exclusivamente em nome da

sobrevivência, em várias passagens da narrativa, Lázaro revela a criança que realmente é. A nosso ver, a mais emblemática delas ocorre durante o período em que ele convive com o “escudeiro pobre”, ao se deparar com um cortejo fúnebre nas ruas de Toledo; o escudeiro conseguira arranjar algum dinheiro, e pede a Lazarillo que compre pão, carne e vinho:

Hoje é dia de festa ! [...] vamos nos banquetear como dois príncipes! [...] apertando bem a moeda na mão, subiu a rua correndo em direção à praça. [...] Mal havia dado uns poucos passos, surge à sua frente um enterro, descendo a rua em direção oposta à que ele ia. [...] Lázaro encolheu-se num canto para deixar passar o cortejo e ouviu a mulher se lastimar : - Meu marido e meu senhor! Para onde te carregam? Para a lúgubre e escura casa onde nunca se come nem se bebe? [...] vendo o enterro descer a rua em direção à sua casa, não teve dúvidas de que para lá iriam levar o defunto. Correndo o quanto lhe permitiam suas pernas, alcançou a casa e, com expressão aterradora, abraçou-se ao amo, gritando esbaforido: - Depressa, senhor! Tranque a porta! Estão trazendo um morto para a nossa casa! Agora mesmo vão chegar! Rápido, não perca tempo! (p.82)

Embora a situação de penúria seja a mesma que enfrentara junto aos outros dois amos, razão pela qual imagina que para a sua casa estão conduzindo o morto, são diversas as ocasiões em que Lázaro manifesta a afeição para com o “escudeiro pobre”, simplesmente pelo fato de este o tratar bem.

### **3.3 - MACUNAÍMA**

O acolhimento da “Malandragem” entre os símbolos da cultura nacional, em grande medida se deve ao componente racial, particularmente à nossa mestiçagem.

Nessa perspectiva, parece-nos oportuna a inclusão do nosso “herói sem caráter” no rol dos malandros contemplados pela literatura, aos quais dedicamos este capítulo.

Macunaíma é a um só tempo branco, negro e índio, um legítimo representante da miscigenação intrínseca à formação do povo brasileiro. Ao concebê-lo a partir desse caráter extremamente híbrido, Mário de Andrade assinala que a “Malandragem” não se restringe a um determinado grupo étnico, porquanto constitui uma característica arraigada ao nosso povo de uma maneira geral, em grande parte decorrente dos desdobramentos da nossa herança ibérica.

*Macunaéuma* categoria de malandro configurada a partir do componente biológico. Diferentemente do malandro a que nos referimos no capítulo “Na subida do morro me contaram”, para quem o logro ao outro é uma alternativa de sobrevivência em meio a uma conjuntura social pouco favorável, da mesma forma que o é para Lazarillo, como vimos anteriormente, a malandragem em Macunaíma é inata, ingênua e exercida muitas vezes de forma lúdica. Isso explica o fato de Macunaíma não poupar nem a própria mãe nem os irmãos das suas “artes”. Os fragmentos a seguir são bem ilustrativos disso:

Então Macunaíma quis se divertir um pouco. Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jeju muito matrinchão e jatuaranas, todos esses peixes do rio, fossem bater timbó! [...] Foram. A margem estava traiçoeira e nem se achava bem o que era terra o que era tio entre as mamoranas copadas. Maanape e Jiguê procuravam procuravam enlameados até os dentes degradingolando juque! Nos barreiros ocultos pela inundação. E pulavam se livrando dos buracos, aos berros, com as mãos para trás por causa dos candirus safadinhos querendo entrar por eles. Macunaíma ria por dentro vendo as micagens dos manos campeando timbó. Fingia campear também mas não dava passo não, bem enxutinho no firme. Quando os manos passavam perto dele, se agachava e gemia de fadiga.”(ANDRADE, p.5)

Oi, manos achei rasto fresco de tapir na frente da Bolsa de Mercadorias! [...] Ninguém inda não matara tapir na cidade. Os manos se sarapantaram e foram com Macunaíma caçar o bicho. [...] procuraram procuraram, você achou? Nem eles! Então perguntaram pra Macunaíma: - Onde que você achou rasto de tapir? Aqui não tem rasto nenhum não! Macunaíma não parava de campear falando sempre: - Tetápe, dzónaneipemonéitehêhêzeténetaité. [...] E todo aquele mundão de gente procurando. Era já perto da noite quando pararam desacorçoados. Então Macunaíma se desculpou: - Tetápedzónaneipemo... Não deixaram nem que ele acabasse, todos perguntando o que significava aquela frase. Macunaíma respondeu: - Sei não. Aprendi essas palavras quando era pequeno lá em casa. E todos se queimaram muito. Macunaíma fastou disfarçado falando: - Calma gente! Tetápehêhê! Não falei que tem rasto de tapir não falei que tinha! Agora não tem mais não. Foi pior. (p.76)

Um outro aspecto da “Malandragem” de que Mário de Andrade dota o herói é comicamente exposto no capítulo IX “Carta pras Icamiabas”.

Na disparatada missiva, Macunaíma vale-se de uma poderosa lábia com o intuito de convencer as índias de sua tribo a enviar dinheiro para ele, então em São Paulo tentando reaver a muiraquitã.

É curioso notar como nesse capítulo o herói se transforma de um silvícola ágrafo em um letrado emergente, exercendo com contundência o poder de dominação da linguagem. Pura *malandrade*.

Na “Carta”, além da tentativa de persuasão via linguagem, podemos perceber, também, um flerte com uma outra faceta associada ao malandro : a cafetinagem.

Ao se autointitular imperador e conferir às índias de sua tribo o papel de súditas, Macunaíma inescrupulosamente deixa claro que o dinheiro que solicita seja enviado é para custear as suas brincadeiras carnavais em São Paulo. Assim temos:

Porque, súditas dilectas, é incontestável que Nós, Imperator vosso, nos achamos em precária condição. O tesouro que daí trouxemos, foi-nos de mister convertê-lo na moeda corrente do país; e tal conversão muito nos há dificultado o manutenção, devido às oscilações do Câmbio e à baixa do cacau.

Sabereis mais que as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que a chuvas do vil metal, repuxos brasonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente, dão o nome de lagostas. [...] Pois é com esse dedicado monstro, vencedor dos mais delicados véus paladinos, que as donas de cá tombam nos leitões nupciais. [...] as lagostas são caríssimas, caríssimas súbditas [...] Bem podereis conceber, pois, quanto hemos já gasto; e que já estamos carecido do vil metal, para brincar com tais difíceis donas. Bem quiséramos impormos à nossa ardida chama uma abstinência, penosa embora, para vos pouparmos despesas; porém, que ânimo forte não cedera ante os encantos e galanteios de tão agradáveis pastoras! (p.58)

Entretanto, dentre as várias facetas que, como vimos, configuram a “Malandragem” popularmente, é o ócio que constitui a principal característica de Macunaíma. Não à toa, o bordão “Ai que preguiça!” é repetido inúmeras vezes ao longo da narrativa :

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro: passou mais de seis anos não falando. Sio incitavam a falar exclamava: If – Ai! que preguiça!... e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca trepado no jirau de paxiúba,

espiando o trabalho dos outros. [...] Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. (p.1)

O herói vivia sossegado. Passava os dias marupiara na rede matando formigas taiocas, chupitando golinhos de pajuari e quando agarrava cantando acompanhado pelos sons gotejantes do cotcho, os matos reboavam com doçura adormecendo as cobras os carrapatos os mosquitos as formigas e os deuses ruins. De noite Ci chegava recendendo resina de pau, sangrando das brigas e trepava na rede que ela mesmo tecera com fios de cabelo. Os dois brincavam e depois ficavam rindo um pro outro. (p.13)

Trouxera a rede pro alto dum teso onde tinha uma pedra com dinheiro enterrado por debaixo. Amarrou a rede nos dois cajueiros frondejando e não saiu mais dela por muitos dias dormindo caceteado e comendo cajus. [...] Macunaíma bocejava escorrendo caju, muito mole na rede, com as mãos pra trás fazendo cabeceiro, o casal de legornes empoleirado nos pés e o papagaio na barriga. Vinha a noite. Aromado pelas frutas do cajueiro o herói ferrava no sono bem. Quando a arraiada vinha o papagaio tirava o bico da asa e tomava o café da manhã devorando as aranhas que de-noite fiavam as teias dos ramos pro corpo do herói. Depois falava: - Macunaíma! O dorminhoco nem se mexia. -Macunaíma! Oh Macunaíma! - Deixa a gente dormir, aruaí... (p.131)

“O herói vivia sossegado. Passava os dias marupiara na rede matando formigas taiocas e chupitando golinhos de pajuari”. Nessa passagem, principalmente devido às felizes escolhas lexicais, Mário de Andrade narra uma cena exemplar de ócio extremo.

#### 4. TACOS À OBRA:



“Um jogo só começa quando alguém perde”

Schroeder

Esticado sobre um pano verde e com ares de novela, o conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” narra a saga de três malandros, exímios tacos na sinuca, dentro da noite veloz do centro da capital paulistana e bairros adjacentes. Objetivo? O alimento, duplamente; o otário de que se alimentam os malandros, para se alimentarem.

Essa peregrinação por diversos bairros que a trinca realiza, vai ao encontro do que afirmamos no capítulo “Na subida do morro me contaram” acerca da necessidade de o malandro estar sempre em movimento. Em primeiro lugar, para não se tornar um alvo fácil para a repressão policial, e em segundo lugar, porque para que seja bem sucedido em suas empreitadas, é necessário antes de mais nada o ineditismo do otário.

A própria etimologia da palavra, aliás, reforça o caráter nômade do malandro. “um termo híbrido do latim malus – mau – com o germânico landrin, que significa andarilho ou vagabundo”. (DEALTRY, p. 151)

Um sonhador Perus, realça a importância dessa mobilidade dentro do *modus-operandi* do malandro:

Mas pensa nos joguinhos famosos da Vila Alpina. – Quando eu der uma sorte e a vida tomar jeito... Vestiria panos bons, iria àquele fogo. Então, iria,

dissimulado, aos jogos caros da Vila Alpina, onde corria a grana e as melhores virações da sinuca funcionavam. Vila Alpina era falada na boca de todos os malandros. E lá Perus não era conhecido. (ANTÔNIO, p. 108)

No início deste trabalho, ao tentarmos descrever as condições que ensejam o surgimento do malandro, bem como a sua trajetória em direção à legitimação social, nos deparamos com uma sociedade ainda impregnada dos ditames escravistas, para a qual o ócio representa status, visto ser associado à opulência, ao mesmo tempo em que o trabalho é considerado atividade indigna.

Dessa maneira, ao recusar o trabalho regular, por assim dizer, o malandro vislumbra uma possibilidade de ascensão social.

No conto de João Antônio, a cuja análise nos ocuparemos a partir de agora, a “Malandragem” focalizada é de outra ordem; É produto tanto do acirramento das desigualdades sociais, que deixa sem muitas alternativas um grande contingente da população, quanto, e principalmente, da ruína dos preceitos éticos e morais que (des)norteiam a vida em sociedade.

A vasta acomodação geral que dissolve os extremos, tira o significado da lei e da ordem, manifesta a penetração recíproca dos grupos, das idéias, das atitudes mais díspares, criando uma espécie de terra-de-ninguém moral, onde a transgressão é apenas um matiz na gama que vem da norma e vai ao crime. (CANDIDO, p.87)

#### **4.1 - 1ª TACADA : LAPA**

Salão do velho celestino, local do encontro dos parceiros. Completamente descapitalizados, Malagueta, Perus e Bacanaço bolam estratégias para espantar a maré de azar que lhes envolve.

Nesta “primeira tacada”, julgamos pertinente salientar o perfil que o narrador traça dos três malandros que protagonizam a narrativa: Malagueta é a “raposa velha”, matreiro, calejado pelas dificuldades impostas pela vida que o fareja quase que à distância. Ao contrário, Perus é um menino inexperiente, que integra a imensa parcela da juventude brasileira obrigada a transitar pelas diversas bifurcações que a marginalidade sinaliza. Bacanaço é o malandro cantado em verso e em prosa, da linhagem de Kid Morengueira. Uma versão um pouco mais atualizada dos malandros

sambistas que trabalharam enormemente para não fazê-lo de forma regular, sobre os quais nos debruçamos no capítulo “Na subida do morro me contaram”.

Assim, malandro velho, maltrapilho, eventualmente esmoleiro, e sempre meio bêbado, Malagueta, ciente da habilidade que têm no jogo do pano verde, propõe o conluio entre eles. “- A gente se junta, meus. Faz marmelo e pega os trouxas.” (p.108)

Sem empolgação, Perus aceita. Não há muita opção. Jovem, problemas familiares, desertor do exército, “batedor” de carteira nos coletivos e muito talentoso no jogo da sinuca, Perus é um protegido de Bacanaço, a quem admira quase com idolatria.

Por seu lado, Bacanaço encarna, em grau superlativo, o malandro típico, aquele para quem a aparência se traduz na senha de acesso a determinadas instâncias sociais, a cujo ingresso pertencer às classes menos favorecidas constitui sério obstáculo:

Jogador maduro, ladino perigoso da caixeta, do baralho e da sinuca, moreno vistoso e mandão, malandro de mulheres. Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada. De mais a mais, Bacanaço tinha negócio com os mascates, aqueles que vendiam quinquilharias e penduricalhos nas beiradas da Lapa-de-baixo, e era considerado dos homens do mercado. Malandro fino, vadio de muita linha, tinha a consideração dos policiais. (p.103)

O malandro limpou o paletó. [...] Na mão bem manicurada, que viajava do queixo ao bolso, luzia o chuveiro, anelão de ouro branco e pedras para mais de trinta contos, que só rufião pode usar . (p. 109)

A princípio desinteressado, Bacanaço acaba seduzido pela possibilidade de ser o comandante da trinca, conforme malagueta sugerira. “Mas aquela conversa de os conduzir, dando cartas e jogando de mão era conversa da boa [...] iria como patrão, a parte mais gorda cabendo-lhe. Bem. (p.109)

É interessante notar que, não obstante o fato de serem exímios jogadores de sinuca, o que faz supor que podem ganhar limpamente no jogo, é nítida a preferência que demonstram pelo recurso ao logro, que o conluio que pactuam viabiliza.

Já nesta primeira tacada, percebemos situações que remetem à existência de um código de ética entre os malandros, sobre o qual, inclusive, solicitamos maior atenção ainda no capítulo introdutório “Entre Lapas e beijo”.

Ao conversarem sobre casos passados, Bacanaço e Perus rememoram o episódio em que o malandro Bacalau tirou mais de vinte contos do “coió-sem-sorte” Sorocabana:

Por último, dando alarde ao desacato, manjava o taco com uma mão só e dava uma lambugem, um partido de quinze pontos na bola dois. Era escandaloso. Bacalau estava perdendo a linha que todo malandro tem. Não se faz aquilo na sinuca. Vá que se faça dissimulada, trapaça, até furtos de ponto no marcador. Certo, que é tudo malandragem. Mas desrespeitar parceiro, não. A própria curriola se assanhou, desaprovando. [...] A turma se mordeu, com aquilo a turma se queimou. Malandro ganhar vinte contos, não dar mimo a ninguém, não distribuir as estias! Que malandro era aquele? Aquilo era um safado precisando de lição [...] Entregaram Bacalau aos ratos. Os tiras foram catá-lo, bebendo e folgando com mulher, dois dias depois, num boteco das Perdizes. (p.103)

No jargão da “Malandragem”, “estia” corresponde a uma gratificação com que o malandro procura consolar a vítima, após *depená-la* no jogo da sinuca.

O *Start* para a noitada de caça aos otários é dado por uma súbita *sacada* de Bacanaço: empenhar o seu movado suíço com corrente de ouro. A negociação entabulada com o taxista Cornélio rende 500 cruzeiros.

Agora capitalizado, o empresário Bacanaço e seus assessores deixam nervosamente o salão do velho Celestino para mergulhar na noite paulistana, chamando a atenção dos que ali se encontram e que percebem a movimentação do trio. Os otários não podem perder, já que há muito esperam...

E os três iriam firmes, à grande e de enfiada, afiados como piranhas. Bacanaço chefiando. Vasculhariam todos os muquinhos, rodariam Água Branca, Pompéia, Pinheiros, Mooca, Penha, Limão, Tucuruvi, Osasco... Rodariam e se atirariam e iriam lá. Três tacos, direitinhos como relógios, levantariam no fogo do jogo um tufo de dinheiro. Tinham a noite e a madrugada. Virariam São Paulo de pernas para o ar. (p.111)

Adeus Lapa ?!

#### **4.2 - 2ª TACADA : ÁGUA BRANCA**

O salão agora é o Joana D’arc. Pega fogo o jogo da vida, para o qual a paciência, e sobretudo a malandragem são indispensáveis. Muito à feição, portanto, para as intenções da trinca. No jogo da vida, “o joguinho mais ladrão de quantos há na sinuca”,

cada jogador tem uma bola numerada, a qual defende e não pode embocar, e atira na do oponente.

Malagueta e Perus são aceitos na roda controlada pelo inspetor aposentado Lima. Nem malandro nem otário, o velho “tira” é conselheiro dos mais novos, e ainda sustenta influências. Uma palavra sua pode salvar a pele de um malandro quando das “batidas” da polícia. Entram no jogo e barbarizam. Colocam em prática o “marmelo” sugerido por Malagueta ainda na Lapa, a despeito do fato de serem dois tacos de respeito, como dissemos anteriormente, principalmente o garoto Perus, a cuja habilidade muito se deve a confiança de Bacanaço no desempenho da dupla. Bacanaço na platéia só assiste. Pronto a intervir por meio da fina lábia que possui. É o chefe.

Bastante curiosa a maneira como Perus se comunica com Bacanaço. Assovia um velho tango de Carlos Gardel, “Garufa”, que narra as desventuras de um falso malandro. Na realidade, “um otário ofertado, [...] um incorrigível, um papagaio enfeitado, um malandro de café com leite e pão com manteiga e o resto era engano” (p.115). Entre a nata da “Malandragem”, esse gesto significa que há otário nas proximidades, ou trapaça em progresso, anunciando a perspectiva de lucro. “Do lado de lá do balcão, Bacanaço também assobiou o “Garufa”. E os olhos malandros dos três se encontraram, se riram, se ajustaram, gozosamente, na sintonia de um conluio que nasceu dissimulado”. (p.115)

Tamanha é a dedicação de Malagueta ao exercer o seu papel na “armação”, qual seja, o de proteger a bola de Perus, abrindo caminho para que este vença as partidas, que quase bota tudo a perder; não “mata” uma bola fácil até mesmo para um taco mediano, o que de longe todos sabem não ser o caso.

O deslize de Malagueta chama a atenção do policial aposentado e dos demais integrantes da mesa, que passam a suspeitar de que haja uma parceria entre ele e Perus. Bacanaço intercede, valendo-se da “neutralidade” de quem se encontra apenas como expectador do joguinho, e, investindo na lábia, tenta dissuadir o policial aposentado:

Bacanaço secundou o disfarce, veio se chegando para Lima.

- Velho, o jogo é jogado. Calhou. O menino é um atirador e está com a mala da sorte – sua palavra valia, que vinha de fora como torcedor. – O menino emboca, emboca, manda tudo pras cabeceiras. Inspiração. Se daqui a pouco ele tropica: fica torto, tortinho.

-Não sei não - fez Lima. (p.119)

Sob a indignação do velho policial aposentado, inconformado pelo fato de não ter transformado em flagrante a suspeita que a todos na mesa ocorrera durante o jogo, a trinca deixa o salão. Já dentro de um taxi dividem os quase oito mil cruzeiros que lhes rendeu o marmelo no jogo. Ufa ! E zarpam antes que...

#### **4.3 - 3ª TACADA : BARRA FUNDA**

No pequeno e imundo boteco em que ancoram, a despeito do fato de terem sido bem sucedidos no joguinho da água Branca, há algo estranho no ar. Parece já não haver a mesma sintonia entre os parceiros. A contaminação pela grana desencadeia os seus sintomas mais comuns.

A ganância, sentimento que sempre acompanha àqueles que vêm no jogo a oportunidade de mudar de vida, fala alto ao ouvido de Bacanaço:

Bacanaço, mais patife, resmungava aporrinhações, lacrava-lhes na cara que a vida na Água Branca poderia ter rendido mais. Espezinhava. E aquela tensão ia ficando grande. Não cuidassem, viria a provocação séria, acabariam se atacando e se pegariam no joguinho – um correndo por dentro do outro – na continuação um comeria o outro pela perna. (p. 121)

Ao contrário de Bacanaço, o calejado Malagueta, investido de um surpreendente acesso de ponderação, atua no sentido de restaurar o agora fragilizado sentimento de equipe do trio:

O velho os alertou , que era bom o conluio. Trabalhando os três, um pelo outro, rendia mais o joguinho, evoluíam-se trapaças na sintonia do embalo. E nem se atrasassem a qualquer jogo como piranhas famintas. Dessem juízo, não bobeariam como coió que nunca enxergou dinheiro. Estavam na força de uma onda de sorte, afiados e firmando – já se ganhara bem na Água Branca. Tranquilidade, que a noite era deles. Apoiaram, baixaram as cristas. (p.121)

Barra Funda não dá jogo. Porém, ao percorrerem as ruas do bairro, os parceiros são envolvidos por uma aura que de certa forma faz aflorar o seu lado humano, quase sempre adormecido. O bairro de classe média lhes oprime com suas bem cuidadas avenidas, seus habitantes bem vestidos, seus carros luxuosos. Sentem sobre os ombros o peso da desigualdade social em estado puro, como se um pensamento fugaz os fizesse compreender o porquê de serem irreversivelmente empurrados para aquele tipo de vida.

E é exatamente do reconhecimento da irreversibilidade da situação de exclusão social em que vivem, que extraem a energia de que necessitam para seguir adiante:

Aqueles viviam. Malagueta, Perus e Bacanaço , ali desencontrados. O movimento e o rumor os machucava, os tocava dali. Não pertenciam àquela gente banhada e distraída, ali se embaraçavam. Eram três vagabundos, virados, sem eira, nem beira. [...] Aqueles tinham a vida ganha. E seus meninos não precisariam engraxar sapatos nas praças e nas esquinas, lavar carro, vender flores, vender amendoim, vender jornal, pente, o diabo... depender da graça do povo na rua passando. [...] Um sentimento comum unia os três, os empurrava. Não eram dali. Deviam andar. Tocassem. (p.122)

Neste ponto, julgamos oportuno retomarmos um pouco do que dissemos no capítulo “ Na subida do morro me contaram”, ao abordamos os caminhos através dos quais o malandro-sambista busca a sua inserção na sociedade, mais exatamente as “frestas” que a sociedade propicia, em decorrência das relações claramente pautadas pela pessoalidade e pela afetividade que a caracteriza.

Ao explorar habilmente essas “frestas”, o malandro-sambista passa a ser acolhido por segmentos sociais que lhe garantem proteção e segurança, o que configura, também, certa ascensão social.

Agora, com o fim da clandestinidade, e a conseqüente hegemonia da “Malandragem” regular, oficial, essas “frestas” , tendem a desaparecer, e com elas, deixa de existir também esse brasileiríssimo mecanismo de ascensão social, o que faz com que o grande contingente de desvalidos, do qual Malagueta, Perus e Bacanaço fazem parte, tenha cada vez menos alternativas de sucesso sem o recurso ao ilícito, até mesmo na versão mais danosa deste: a criminalidade.

#### **4.4 – 4ª TACADA : CIDADE**

Agora é quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João. Malagueta, Perus e Bacanaço empreendem um *tour* pelo centro de São Paulo, engrossando ainda mais o contingente de personagens que têm a incumbência de manter desperta a capital paulistana nas madrugadas. Teleco, que possui um histórico de cooperação com Bacanaço, é um desses personagens.

Vulto magro, ô cadência de malandro, sapateia quando anda, pois tem muito rebolado, mãos nos bolsos, cigarro no bico, a Teleco na Avenida São João. Vestida como homem, era mulher que gosta de mulher. Fina no carteadado, muito firme na navalha, até sinuca ela joga. Uma valente da maconha. Àqueles ombros tarimba sobrava, que foram cinco os anos curtidos no pavilhão feminino do presídio da Alegria. (p.127)

Teleco aborda Bacanaço, Desempregada e em situação difícil, espera que o malandro possa ajudá-la, já que este muitas coisas a ela deve:

“Ô rapaz! Buliu relando no braço de Bacanaço. [...] – Meu faixa, ‘tô desabonado. [...] Bacanaço lhe escorregou um galo, uma nota de cinqüenta, a mulata Teleco enfiou-a no grilo esquerdo, que no outro bolsinho interno da frente da calça trazia o isqueiro, cômodo, pequenino, à malandra. Recolheu sem verificar, largou o agradecimento, ligeira se sumiu. (p.128)

O Salão Americano, da Praça Amador Bueno, é o primeiro a ser visitado. Reduto de rufiões, batedores de carteira, jogadores, é um dos locais preferidos para as negociatas entre a “Malandragem” e os policiais representantes da bandidagem oficial. É lá que se estabelecem redes de relações, para cuja mediação, via de regra é invocado o conhecido “toma lá, dá cá”. “Uma terra sem males definitivos ou irremediáveis, regida por uma encantadora neutralidade moral. Lá não se trabalha, não se passa necessidade, tudo se remedeia”. ( CANDIDO, p.88)

Naquele sábado, porém, nada do joguinho nas mais de vinte mesas do salão. “ – Não deu pé. Vamos girar. (p. 129)

De volta à Ipiranga, na altura do cruzamento com a Rua Santa Efigênia, cruzam com Carne Frita, um dos maiores e mais famosos tacos de todos os tempos, encontro esse que enseja a reverência dos três parceiros para com o ídolo:

Já de longe o distinguiram, entre dois homens, num terno de brilhante inglês, naquela pose sua com só metade da mão no bolso. Chegaram-se, humildes cumprimentaram, buscaram conversa, tiveram modos. Bacanaço, solícito, estendeu os cigarros americanos. [...]Moço, baixinho, com uns olhos de menino, esguio como malandros do joguinho que andam quilômetros ao redor das mesas, ninguém daria nada àquele, parado, à esquina da Santa Efigênia, dando um gesto de mão a Malagueta, Perus e Bacanaço. Fossem ver... Perguntassem em Goiás, em Curitiba, em Porto Alegre, no Rio, em Fortaleza... Sua história abobalhava, seu jogo desnor-teou todos os mestres. Quem de sinuca entendia era Frita. (p.130)

O Salão Paratodos reserva ao trio um acontecimento dos mais desagradáveis: O encontro com o policial Silveirinha. Policial corrupto e/ou malandro com distintivo, Silveirinha exerce a sua função (qual delas?) por meio da intimidação e, sobretudo, da extorsão. A vítima da vez? O garoto Perus:

- Moleque, você já pagou imposto? Azucrinava, exigia, demorava-se no exame do menino. Ali, cantava de galo, dava cartas, jogava de mão, mexia e remexia, a condição de mando era sua. Infeliz algum abria o bico. Levantou-se, fez a volta ao redor de Perus. Esperou a fala. [...] Assim eram todas as madrugadas do Paratodos, ponto de Silveirinha. Surgisse malandro desconhecido, cara ignorada, o tira ia ao ataque, exigia com firmeza. Fácil, fácil. (p.133)

Silveirinha faz parte de uma estirpe de policiais que se valem mais dos princípios individuais e particulares no exercício de suas atribuições. Em vez de fazerem com que sejam cumpridos os princípios gerais da lei, aplicam a sua própria lei, formatada pelos seus gostos pessoais e pelas suas preferências, obviamente respaldados pela conviência dos seus superiores.

Giovanna Dealtry (2009) relata um depoimento de João da Bahiana, concedido ao Museu da Imagem e do Som em 1966, em que o malandro-sambista alude aos métodos pouco ortodoxos do Delegado Virgulino de Alencar:

Preso inúmeras vezes por ser sambista, ele nos relata a estratégia utilizada pelo delegado Virgulino de Alencar, vindo do Acre, para reprimir o samba. Para tanto, em vez de atacar frontalmente os músicos, disfarçava-se em meio a eles. Mulato, o delegado portava vasta cabeleira, “tocava violão e disfarçava-se de seresteiro” para poder prender os “vadios”. A malandragem, nesse caso, aparece identificada ao lado do representante da ordem. É o delegado quem se disfarça, quem se aproxima dos músicos, fazendo-se passar por um deles, para atingir o seu objetivo final. Não é a lei, compreendida como preceito geral para controle de uma sociedade, que é aplicada, mas uma “lei” particularizada. (p.58)

Um outro exemplo de representante da lei que incorpora a individualidade ao seu fazer profissional é o delegado Deraldo Padilha, a quem fizemos menção ao nos referirmos ao samba “Olha o Padilha”, interpretado por Moreira da Silva.

Truculento, intransigente, e com o indefectível óculos *Ray-ban*, o longo delegado Padilha percorre as ruas do Rio à procura de malandros e de prostitutas, por quem nutre declarado ódio.

Na qualidade de paladino dos bons costumes, e ancorado na sua estreita visão de mundo, confunde namoro na rua com prostituição, o que o faz perseguir e aterrorizar os casais de namorados .

O delegado Aderaldo Padilha tem uma curiosa e singularíssima maneira de realizar as suas abordagens; traz sempre consigo uma laranja, que coloca dentro das calças da vítima. Caso a laranja fique retida na calça, o infeliz é sumariamente detido, sem não antes ter a calça rasgada *in loco*.

Vale lembrar que a calça tipo bombacha, incorporada ao vestuário do malandro nas primeiras décadas do século XX fora substituída, por volta da segunda metade da década de quarenta, pela calça de boca funil (retentora de laranja!), inclusive pelo fato de dificultar fosse o malandro agarrado pelas pernas ao atuar nas rodas de capoeiragem.

De volta ao tour em progresso pelo centro de São Paulo, a caminhada até o Salão Martinelli traz os três parceiros completamente abatidos. Até mesmo a gana do jogo que os move é subtraída pelo incidente ocorrido com o policial Silveirinha no Paratodos.

Não disseram nada, caminharam. Um sentir de quem perdeu, um sentimento abafado os arrasava e os unia e lentos, tangidos, caminharam. [...] As três cabeças seguiam baixas. Eram três vagabundos e nada podiam. Seguissem, ofendidos. [...] Uma carga humilhada nos corpos, uma raiva trancada, o moral abaixo de zero. Secos, apenas se olhavam, quando em quando, sem reclamações. Fazer o quê? Eram três vagabundos e iam. Uma porrada, fora uma porrada. [...]Havia um padecimento, doía, arrasava. (p.137)

O que mais lhes dói, no entanto, é o fato de saberem que em nenhuma hipótese poderão ir à forra do duro golpe sofrido. Nem no jogo, o caminho mais natural nessas situações, tampouco a surra “e todo o acompanhamento que se deve dar a um safado” (p.134) imaginada com minúcias de crueldade por Malagueta e por Bacanaço, ante a intimidação e a humilhação impostas por Silveirinha ao jovem Perus. Foram “derrotados” por um malandro da lei, razão pela qual o acerto de contas com o “tira” certamente os levaria à casa de detenção.

Como se o revés sofrido já não fosse suficiente, no Salão Martinelli também nada do joguinho. Um grande e constrangedor silêncio de mesas vazias, giz esquecido e tacos alinhados a seus cantos.

Madrugada alta. Fria. Na Rua Formosa o Salão Ideal. Será? Não. Ainda não é o salão ideal para atingirem os seus objetivos. Nada de jogo.

Todavia, uma notícia boa devolve o ânimo aos parceiros. Uma “batida” de duas patrulhas de rondas noturnas especiais ali ocorrera há cerca de 15 minutos, trancafiando a turba de malandros que perambulava pelo salão. Sem querer, escapam da polícia mais perigosa e séria, o que para eles equivale à volta da maré de sorte:

Uma vontade súbita os tomou. A cidade não dera jogo, dera prejuízo e até estrepe no caminho? Não havia nada não. São Paulo era grande e eles, três tacos, tinindo para o que desse e viesse. Haveria jogo em algum canto. Faziam fé. [...] Iam a Pinheiros. (p.140)

#### **4.5 – 5ª TACADA : PINHEIROS OU “TRÊS CORPOS QUE CAEM...”**

A corrida agora é também contra o tempo. Malagueta, Perus e Bacanaço sabem que só têm chance enquanto os letreiros das fachadas dos edifícios se mantêm acesos e piscantes. “Rodar, funcionar, vasculhar todas as bocas do inferno e depressinha, enquanto houvesse luminosos acesos. [...] Os três sabiam que depois dos luminosos a cidade lhes daria restos e lixo. Só. (p.128)

Já em Pinheiros, a sucessão de bares fechados os desnorteia. O bairro inteiro dormindo traz os parceiros calados e entregue a seus pensamentos. Cada um pensa a sua vida, mas os três silenciosamente xingam Pinheiros; nada lhes acontece.

“Malandro de mulheres”, Bacanaço é o único do trio que além do jogo, tem virações na cafetinagem. Administra a carreira de uma prostituta, Marli, de quem exige uma diária superior a mil cruzeiros, e a quem “naturalmente” espanca, como todo rufião, quando eventualmente a pobre mulher não comparece com a grana pactuada. Nas reincidências, Bacanaço é ainda mais cruel:

Tapas, pontapés, coisas leves. Apenas no natural de um cacete bem dado para que houvesse respeito. [...] Obrigação sua era ganhar – para não acostamá-la mal, Bacanaço batia-lhe. [...] Se a desobediência se repetia, o cacete se dobrava. [...] usava o cabo de aço e agia como se Marli fosse um homem. Proibia-a de gritar. Malhava aquele corpo contra as paredes, dava-lhe nos rins, nos nós e nas pontas dos dedos. Encostava-lhe o cigarro aceso nos seios. Às vezes, Marli urinava. (p.143)

Para Bacanaço, a cafetinagem é um ramo de atividade dentro do qual é possível ascender profissionalmente. Prova disso, são as projeções que faz acerca de uma prostituta de fama a quem tenta conquistar.

Era alta e loira e Dorotéia e o seu dinheiro era muito. E sem amásio, que era mina exigente também. Muito malandro tentara a conquista e ficara falando sozinho. [...] E um rendimento graúdo. Para a fantasia de Bacanaço, aquela mulher lhe daria por baixo, baixo, para começo de boa conversa, um carro de passeio. E quatro mil cruzeiros por dia.(p.145)

Voltando ao desconcertante episódio do encontro com o policial Silveirinha, no Salão Paratodos, é possível estabelecermos uma correspondência entre o modus-operandi do “malandro da lei” e a cafetinagem. Ambas as práticas são operacionalizadas por intermédio dos mesmos expedientes : a intimidação, a humilhação e, sobretudo, a extorsão.

Tão curiosa quanto paradoxal é, no entanto, uma diferença que entre elas é possível apontar. No tipo de extorsão que Bacanaço (malandro clandestino) pratica, percebe-se um certo ar de cobrança por “serviços prestados”, mais exatamente, uma suposta proteção de que Marli se beneficiaria.

Chegavam-lhe, em pensamento, as coisas boas, numerosas, que dava àquela mulher. Era um protetor. Sacou-a da cadeia várias vezes, arranjou-lhe habeas-corpus, negociou com tiras do setor de Costumes, tratou com este e com aquele. [...] Obteve-lhe um quarto de bordel, entendeu-se com os policiais do trottoir, deu-lhe um lugar na malandragem, deu-lhe luz, que diabo! Uma tonta a quem precisou até ensinar como proceder com um homem na cama. Gastara muito dinheiro com aquela Marli, uma criança, uma otária, que nem roubar os fregueses sabia... Um estrepe, uma viagem errada, que só lhe dava trabalho e lhe esquentava a cabeça. Uma trouxa que mal o merecia, malandro maduro e fino. (p.144)

Por outro lado, embora desacompanhada da violência desmedida praticada por Bacanaço contra Marli, na prática extorsiva perpetrada por Silveirinha (malandro oficial) não se identifica nada que a aproxime de qualquer tipo de “ressarcimento”. É extorsão pura e simples, praticada por um agente de uma instituição que tem como uma das mais precípuas atribuições, senão a principal, proteger os cidadãos, zelando pelo bem-estar social.

O dia amanhece decretando a noite perdida. Mais um salão vazio, porém, já não lhes causa tanto aborrecimento. Ao contrário, as mesas, bolas e tacos novos do salão animam a uma brincadeira. “Leite-de-pato”, como se diz do joguinho apenas como divertimento, sem que haja apostas.. É Bacanaço quem faz o convite.

Todavia, três tacos experientes, velhacos, e com a voracidade alimentada pelos insucessos da noite, não conseguem “brincar” por muito tempo. Apesar da *mordida* de Silveirinha, ainda lhes resta algum dinheiro. Cada um esboça mentalmente uma estratégia pra *rapelar* o outro, destilando uma lábia que, “eticamente”, não deve ser externada. É o fim da parceria? Veremos.

A gana picava-lhes, crescia muda, ganhava malícias, ficava sutil, se escondia num disfarce. Reaparecia, violenta, numa bola sete difícil. Ia, frouxa; voltava dobrada em tamanho. Momentos em que lhes parecia uma vontade estúpida, errada, desnecessária. Noutros, à malandra, chegava risonha, cínica, traquinagem natural do jogo. Egoísmo é fatal no jogo, um jogador sabe. E o malvado cresceu-lhes a pouco e pouco, minando, fez negaças, manhas, rodeou, rodeou... ficou agressivo, certo, definido, total. E exigiu. Malagueta, Perus e Bacanaço preparavam-se para se devorar. (151)

*Aos 44 do segundo tempo*, porém, entra e campo o “otário” Robertinho, devolvendo o espírito de equipe ao trio. Os olhos de Bacanaço brilham. “Esse tostãozinho de gente aí é algum otário oferecido” (p.151).

Bacanaço imediatamente propõe o jogo. Robertinho estipula condições; não dá nem recebe estia. Combinam o preço de cada partida. Malagueta é designado pelo “chefe” para enfrentar o recém chegado. A manhã de sol e a derrota estão cada vez mais próximas.

Perus sofre. Conhece Robertinho de outros carnavais. Foram camaradas, certa vez, no Aimoré, salão da Rua Teodoro Sampaio:

Um bárbaro, piranha manhosa e o pior – escondia jogo. Se quisesse, bolava um plano, passava duas-três horas perdendo, malandro de capital, que era. Depois, mordía, dobrava paradas, ia à forra – largava o parceirinho falando sozinho, sem saber por que perdera. (p.152)

Mas Perus nada pode fazer. Não pode alertar aos parceiros que não conhecem o poderio do taco de Robertinho, fazer com que declinem da idéia do jogo. A fidelidade ao código de ética que media as relações entre os malandros o proíbe:

Quando o malandro deu de cara com Perus, fez não reconhecê-lo, que na velha regra da sinuca, naquela situação, ambos deviam silenciar e primeiramente esperar jogo. Assim fazem os malandros entre si; é regra. E regra, Perus não podia avisar Bacanaço, nem Malagueta. Não devia entregar Robertinho, que o jogo era muito bom para ele. Nada poderia dizer. Se

abrisse o bico, ouviria de Robertinho a palavra “cagüeta”, que é o que mais dói para um malandro. (p.152)

Como teme Perus, Robertinho derrama sobre o pano verde toda a sua picardia e capacidade de formular estratégias, o que, alimentando a ganância de Bacanaço, *otariza-o*. Quem diria!

Mas Robertinho era terrível e deu-lhes o açúcar. Na dissimulada, deixou-se ao gosto de Malagueta, perdeu-lhe três partidas de quinhentos, pagou-lhe, maneiro, concordando. Media-lhe o jogo, estudava. – Você está inspirado, velho. [...] Bacanaço vibrava diante do parceirão arranjado. Aquele perderia muito, Malagueta se conduzia bem naquela mesa. Talvez arrecadasse quatro-cinco contos naquele jogo imperdível. Maré de sorte, maré grande. E atiçava: -Firme, velho ! (p.153)

Com classe, Robertinho reverte o confronto e começa a ganhar. Primeiro a de Malagueta, depois a de Bacanaço, e por fim a de Perus, toda a grana da trinca desaparece junto com as bolas embocadas por Robertinho.

Findo o jogo. Do balcão, tomando um *drink* enquanto confere o dinheiro, o vencedor vê os parceiros, de cabeça baixa, e sem cumprimentá-lo, passam a caminho da triste manhã que os aguarda.

A razão pela qual chamamos a atenção, no início deste trabalho, para a existência de um código de ética que preside as relações entre os malandros, é o fato de que o desfecho da narrativa, negativo para os protagonistas, como vimos, apóia-se exatamente nos desdobramentos que advêm do mencionado código : O garoto Perus não evita que seja perdido todo o dinheiro ganho até ali, em respeito às regras e aos princípios éticos que norteiam a conduta do malandro no exercício de suas funções. Ele não “denuncia” Robertinho aos parceiros receando a alcunha de alcagüeta, fato que atesta a importância da conservação da imagem para a auto-afirmação do malandro dentro do meio em que atua.

Ainda na esteira dos princípios e regras que regem as relações dentro da “Malandragem”, a não utilização de armas de fogo vai ao encontro dessa necessidade de auto-afirmação. Para o malandro, é mais importante deixar a sua marca “escrita” a navalha no rosto do rival, uma demonstração ambulante do seu poderio e que a ele confere destaque, do que eliminá-lo definitivamente.

“A curriola formada no velho Celestino contava casos que lembravam nomes de parceirinhos. Falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados”. (p.156)

De maneira oposta à forma como excitados e apressadamente deixam o Salão do velho Celestino, para mergulharem na “promissora” noite paulistana, o retorno à Lapa é marcado pela melancolia. O trio está agora em situação de desvantagem perante a curriola.

A lábia empregada, as *trairagens* arquitetadas, as burlas perpetradas e a volúpia com que se atiraram aos vários salões do joguinho foram insuficientes. A maré de pouca sorte anuncia permanecer, respaldada pelo hábil taco de Robertinho.

Perder no jogo é normal. Perder para um malandro que lhes soube superar nas tacadas é conforme. Basta um dia seguinte para que as possibilidades de êxito se renovem.

Por outro lado, a perda moral que o “tira” Silveirinha lhes impôs não se digere facilmente. Malagueta, Perus e Bacanaço sabem que a sensação de impotência diante da corrupção oficializada praticada acintosamente pelos agentes da lei não é remediada pelas vitórias do dia seguinte. Não há forra.

Contudo, os três cafés fiados que pedem no Salão do velho Celestino apontam na direção de que logo voltarão à ativa. Logo apostarão novamente as fichas da vida no pano verde dos salões “Entre Lapas”. Que os aguardem.

## 5. ABOTOANDO O PALETÓ

Tacadas realizadas. Todas as bolas devidamente embocadas. Uma ou outra pode ser que, resvalando aqui e ali, não tenha caído. Dirão.

A despeito de usar como pano de fundo o pano verde da sinuca, esta uma expressão relativamente autônoma da “Malandragem” em geral, segundo o próprio João Antônio, “*Malagueta, Perus e Bacanaço*” possibilita uma abordagem do tema que pode se deslocar entre os seus vários aspectos. Isto é, a “Malandragem” que o autor empresta aos protagonistas do conto, ultrapassa os limites do retângulo verde e vai encaçapar outras instâncias onde, da mesma forma, malandros e otários mantêm os seus embates

sob a orientação da perspectiva do lucro fácil. Foi o que pretendemos realizar com este trabalho, muito embora reconheçamos as suas limitações.

O que inicialmente chama a atenção no conto de João Antônio é a linguagem empregada.

Em outras narrativas que igualmente enfocam o tema da “Malandragem”, como por exemplo as “*Memórias de um Sargento de Milícias*”, de Manuel Antonio de Almeida, é nítido o distanciamento entre a linguagem utilizada e as peripécias perpetradas por Leonardo e “grande elenco”. Embora amparada pelo tom coloquial, o que, vale salientar, já representa um certo alargamento dos preceitos inerentes ao romantismo, ainda assim a linguagem parece não “abraçar” convenientemente os elementos de comicidade e as mazelas narradas nas “*Memórias*” em sua plenitude.

Em “*Malagueta*”, a linguagem “veste” os personagens, deixando claro que a narrativa flui exclusivamente através do ponto de vista dos malandros protagonistas, como se estes prescindissem da intermediação do narrador.

Fica claro, portanto, a grande intimidade revelada pelo autor, com a rede de especificidades que formata o comportamento do grande contingente de indivíduos que se movimentam à margem da engrenagem social.

Nesse sentido, aliás, ao nos debruçarmos sobre a trajetória de João Antônio, tomamos conhecimento de que durante parte significativa de sua vida, o autor viveu e/ou conviveu ao lado daqueles que militam nos subterrâneos da urbanidade, e a quem sempre fez questão de conferir o protagonismo dentro da sua produção literária.

Mais do que ser um porta-voz desses indivíduos, ser um deles; Uma espécie de Toulouse-Lautrec da literatura.

Em meio ao desfile de malandros, rufiões, vadios, otários, prostitutas, “invertidos”, que dão vida às madrugadas paulistanas com as suas “virações”, o conto de João Antônio surpreende ao nos brindar com algumas passagens em que a malícia e a esperteza “que só tem quem tá cansado de apanhar”, como diz Herbert Vianna na canção “*Selvagem*”, cedem lugar ao componente poético, ao lirismo, não obstante a embrutecida sensibilidade que trazem os citados personagens, decorrência da luta desigual que travam no dia-a-dia, pelo pão de alguns destes.

Conquanto não o saiba, Perus conjectura poeticamente acerca de trivialidades que se lhe apresentam cotidianamente. Vejamos, por exemplo, a forma comovente com

que, já no Bairro de Pinheiros, ele anuncia a alvorada ao leitor. “Como se fosse o sol, desvirginando a madrugada”, Perus sente a dor daquela manhã:

Perus acompanhava os dois, mas olhava o céu como um menino num quieto demorado e com aquela coisa esquisita arranhando o peito. E que o menino Perus não dizia a ninguém. (...) Aquele sentir, àquela hora, dia querendo nascer, era de um esquisito que arrepiava. E até julgava pela força estranha, que aquele sentimento não era coisa máscula, de homem. (...) Perus olhava. Agora a lua, só meia-lua e muito branca, bem no meio do céu. Marchava para o seu fim. Mas à direita, aparecia um toque sanguíneo. Era de um rosado impreciso, embaçado, inquieto, que entre duas cores se enlaçava e dolorosamente se mexia, se misturava entre o cinza e o branco do céu, buscava um tom definido, revolvía aqueles lados, pesadamente. Parecia um movimento doloroso, coisa querendo arrebentar, livre, forte, gritando de cor naquele céu. (...) Foi para a janela, botou os olhos no céu e esperou, amorosamente. Veio o vermelho. E se fez, enfim, vermelho como só ele no céu. E gritou, feriu, nascendo. Já era um dia. O instante bulia nos pelos do braço, doía na alma, passava uma doçura naquele menino.(p.148)

É interessante notar, que essa “dor” pelo nascimento do dia, que acomete Perus é prenúncio de uma outra dor, mais verdadeira, que se avizinha: a dor da impotência que o faz curvar-se aos princípios que regem a sua conduta e a de seus pares, e que não permite, portanto, que ele evite a contundente derrota que sabe Robertinho lhes infligirá. Em nosso entendimento, a confluência dessas “dores” configura o ápice da narrativa, materializado na derrocada do trio de parceiros após uma noite tensa e movimentada.

Gostaríamos de salientar, também, a importância da obra de João Antônio, particularmente de “*Malagueta, Perus e Bacanaço*”, a cuja análise dedicamos este trabalho, por dar voz a uma parcela muito singular que integra a classe menos favorecida, absolutamente majoritária dentro da população brasileira.

Nessa linha de raciocínio, no epílogo do livro “*Malhação do Judas Carioca*”, João Antônio chama a atenção para o grande distanciamento dos nossos escritores em relação ao elemento mais essencial da nossa realidade: O Povo, e suas mais eloquentes expressões e manifestações.

Embora faça ressalvas a autores como Lima Barreto, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, reconhecidamente comprometidos com o fato social, com o povo e com a terra, o autor assinala que temas como o futebol, a umbanda, a vida operária e fabril,

entre outros, que ele vincula à categoria de radiografias da nossa realidade, passam ao largo da grande maioria das nossas produções literárias, em virtude da “nossa severa obediência às modas e aos “ismos”, a gula pelo texto brilhoso, pelos efeitos de estilo, pelo salamaleque e flosô espiritual”. (Antônio, p.315)

Por fim, salientamos que o “Malandro”, essa entidade emblemática da chamada índole do povo brasileiro, é o herdeiro mais legítimo do nosso colonizador europeu, para quem a opulência e o ócio sempre mantiveram uma estreitíssima ligação. Nunca é demais lembrar que no período que antecede a proclamação da república, o trabalho, principalmente aquele realizado manualmente, é considerado indigno; uma atividade para os seres “inferiores”, naquele contexto, para os escravos.

## 6. O GIZ AZUL DO TACO:

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o Herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.

ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. São Paulo: Clube do Livro, 1987.

\_\_\_\_\_. **Malhação do Judas Carioca**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1981.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem. (Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias)**. USP: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 8, 1970. Disponível em:

[www.revistas.usp.br/rieb/article/viewfile/69638/72263](http://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewfile/69638/72263).

CAVALCANTE, Rodrigo. **A Cara do Brasileiro**. In Revista Superinteressante, nº 217. Setembro, 2005. Disponível em :

<http://superabril.com.br/cultura/cara-brasileiro-445905shtml>.

CRISTINO, Leandro Nascimento. **A Malandragem como Emblema Nacional**. Revista Soletas, ano IX, nº 17. Suplemento São Gonçalo: UERJ, 2009. Disponível em:

[www.e-publicações.uerj.br/index.php/soletas/artocle/view/7004](http://www.e-publicações.uerj.br/index.php/soletas/artocle/view/7004).

DEALTRY, Giovanna Ferreira. **No Fio da Navalha. Malandragem na Literatura e no Samba**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. Introdução e notas: Médéric Dufour. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2002.

MARQUES REBELO, Eddy D. da Cruz (Tradução). **Lazarillo de Tormes**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações.

MARTINS, M<sup>a</sup> Angélica S. Rodrigues. **A odisséia de Ulisses: o Homem e o Mito**. Disponível em [alb.org.br/arquivo-morto/porta1/5seminário/pdfs\\_títulos/](http://alb.org.br/arquivo-morto/porta1/5seminário/pdfs_títulos/). Acesso em 24.04.18

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **Complexo de Zé Carioca – Notas sobre uma Identidade Mestiça e Malandra**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 29, ano X, 1995. Disponível em: [www.anpocs.org.br/porta1/publicações/rbcs\\_00\\_29\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/porta1/publicações/rbcs_00_29_03.htm).

VERGÍLIO. **Eneida**. Tradução: Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 2002.

“OLHA O PADILHA!” (Moreira da Silva). Disponível em  
<https://www.lettras.mus.br/moreiradasilva/564414/> - acesso em 10.04.2018.

“HOMENAGEM AO MALANDRO” (Chico Buarque). Disponível em:  
<https://www.lettras.mus.br/chicobuarqu/451351> - acesso em 10.04.2018.